

Sarney promete um ajuste final

DILZE TEIXEIRA

"O presidente já tem as chaves de fenda nas mãos e está pronto para apertar os parafusos da máquina de seu Governo que eventualmente estejam frouxos. Não tenham dúvidas que dentro de dois ou três meses o Governo estará ajustado". Quem garante é o secretário particular da Presidência da República, Augusto Marzagão, convocado há pouco mais de um mês para ajudar na execução da nova estratégia de ação de Sarney.

O novo estilo presidencial já vem sendo sentido pelos seus assessores mais próximos. "Ele está mais exigente e cobrando tudo. Já não aceita, por exemplo, desculpas quando deixam de cumprir uma determinação sua", confidenciou um assessor que presenciou vários despachos de Sarney com ministros nos últimos dias. Segundo a fonte, a nova estratégia presidencial há muito estava definida, "mas o timing escolhido foi esse, pouco mais de seis meses do final de seu Governo", observou.

O pacote fiscal que está para ser anunciado faz parte do novo plano de governo no. Contém medidas das mais polêmicas, como a cobrança do Imposto de Renda sobre a receita bruta anual dos produtores rurais; imposto sobre as grandes fortunas; imposto sobre as operações à vista nas Bolsas de Valores; corte de 50 por cento nos incentivos fiscais e aumento em 50 por cento das alíquotas do Imposto Territorial Rural, visando evitar a acumulação de terras improdutivas pelos especuladores.

Desde o final da semana passada o pacote foi entregue ao Presidente pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. E a partir

dai, Sarney tem dedicado a maior parte do seu tempo consultando juristas e avaliando politicamente as consequências do pacote. O receio do Presidente até o início da semana era de que o conjunto de medidas — que ele reconhece "duras" mas "necessárias", até para "arrumar a casa" para o seu sucessor — fosse rejeitado pelo Congresso Nacional, já que comprovadamente não dispõe do apoio político necessário.

"De qualquer forma o Presidente encaminhará o pacote fiscal ao Congresso, mesmo correndo o risco de vê-lo rejeitado, porque não fugirá ao dever", adiantou um assessor do Palácio do Planalto. Mas hoje as perspectivas de aprovação do conjunto de medidas — que ainda não está fechado — são bem melhores, em consequência do clima criado com o pacto político firmado pelas principais lideranças do Congresso.

Segundo uma fonte do Governo, o Presidente está disposto a transformar as propostas do pacote em medidas que encaminhará ao Legislativo para aprovação. A primeira vista, Sarney concorda com a maioria das propostas, mas discorda da que propõe a suspensão do pagamento da dívida externa até que seja feito um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional-FMI, "porque resultaria em retaliações, por parte dos credores, prejudiciais ao País", considerou a mesma fonte.

E possível que aproveitando as sugestões contidas no pacto político, o Presidente, ao invés de um pacote fiscal, simplesmente, opte por um programa de ajuste mais amplo. "Mas isso só será possível se estiver seguro da aprovação dos congressistas", disse um assessor do Palácio do Planalto.

Marzagão já deixa sua marca

VALDO CAVALCANTE



Marzagão: ação mesmo informal

Nas conversas informais que vem mantendo desde que assumiu a secretaria particular da Presidência, Augusto Marzagão costuma dar algumas pistas de seu estilo de trabalho. "Não costumo perder tempo", "meu estilo é direto", e por aí vai. Ontem, no almoço em que a Manchete o homenageou em sua sede em Brasília, Marzagão foi da palavra à ação: aproveitou a oportunidade para, no discurso ameno e curto, passar alguns recados do Presidente.

Um desses aos comunicadores dos ministérios e representantes da imprensa, de um modo geral, quando disse que estava ali, particularmente, "para traduzir a confiança do presidente Sarney na ação fortalecida e permanente dos meios de divulgação, cuja liberdade de informar encontra forte ressonância no sentimento patriótico e democrático do Presidente da República — condutor sereno e firme desta significativa etapa de transição na vida nacional".

"Estou convencido de que todos nós queremos o melhor para o Brasil. O futuro mais fecundo depende muito desta cruzada solidária em que estamos hoje empenhados" — afirmou Marzagão para uma platéia silenciosa e atenta.

Em seguida, o secretário deu outro recado, com alvo certo: o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, que da tribuna da Câmara, na quarta-feira, criticou a política econômica do Governo e

conclamou Sarney a divulgar os dados reveladores da exata dimensão da crise que o País atravessa:

"Não nos anima a apologia dos profetas do caos, espécies de ciclo de vida muito curto, equivocadamente presentes nos tempos eleitorais. A nossa missão é de servir e não de desservir ao País".

Marzagão concluiu afirmando que "o Brasil é extraordinariamente pujante e os brasileiros jamais se deixarão iludir, na medida em que, pelo trabalho das unidades de comunicação social e da imprensa livre, a verdade, apenas a verdade, seja o fundamento da convivência ativa e sincera, a aspirar a nossa trajetória".

Oscar despede-se de Sarney

O ministro demissionário Oscar Dias Corrêa, da Justiça, despatchou ontem pela última vez, com o presidente José Sarney, às 15h30. Sarney e Corrêa estavam bem humorados, especialmente este último. Ele não parou de falar na hora que os fotógrafos e os cinegrafistas entraram no gabinete presidencial para registrar o encontro. "O saíinha difícil. Estou há quatro ou cinco dias tentando sair e não consigo", comentou, arrancando um leve sorriso de Sarney, que preferiu ficar calado, observando o clic das máquinas fotográficas.

Mas Oscar Corrêa não se intimidou com as risadas dos fotógrafos, cinegrafistas, dos repórteres e de assessores da Presidência da República. Depois de indagar aos fotógrafos se eles nunca tinham fotografado um ministro, ele disse que a importância da foto era por sua causa. "Estou sendo fotografado mais do que o Presidente", comentou

observando que "se deixar eles fotografam até amanhã". Ele deixou o Palácio do Planalto sem falar com a imprensa. Mandou dizer para os repórteres que não tinha mais nada para falar, e que estava somente esperando o novo ministro Saulo Ramos.

O ato exonerando Oscar Corrêa vai ser assinado hoje por Sarney que também deve nomear Saulo Ramos, que toma posse na segunda-feira, quando os atos devem ser publicados no Diário Oficial da União. Saulo deve chegar nesta sexta-feira ao Brasil, procedente da Europa, onde passou a lua-de-mel.

Em seu último ato como ministro da Justiça, Oscar Corrêa solicitou ontem ao Banco Central que apure denúncias de irregularidades contra a legislação bancária, que teriam sido paraticadas pelo governador da Paraíba, Tarcísio Burity, conforme carta do deputado estadual Carlos Candeia, do PMDB, dirigida ao ministro.

Presidente não é mais nome de rua

OFELIA ONIAS
Correspondente

Aracaju — Finalmente o nome do presidente José Sarney vai sair da principal rodovia de Aracaju, exatamente a que margeia toda a orla marítima. O fato é que a novela da mudança do nome da rodovia começou no mês de maio passado, quando o vereador Edvaldo Nogueira (PC do B) conseguiu aprovar um projeto mudando o nome da rodovia para Inácio Barbosa.

O projeto, ao ser apreciado pelo prefeito Wellington Paixão (PSB), que inclusive fez toda a sua campanha contra o governo Sarney, foi vetado. Agora quando o veto do prefeito passou para apreciação dos vereadores eles conseguiram derrubá-lo por nove votos contra oito.

Edvaldo Nogueira, para mudar o nome da rodovia, tomou como base uma Lei Municipal que proíbe dar nomes de pessoas vivas a vias e edificações públicas. O vereador argumentou, também, que o Presidente

é um homem "impopular e antipatizado por todos os brasileiros".

A partir de hoje, a rodovia, antes Sarney, vai passar a se chamar Inácio Barbosa, que foi o fundador da cidade de Aracaju, transformando-se depois em capital do estado. O grande problema agora são as pessoas se acostumarem a chamar a rodovia pelo novo nome, pois desde 1986 que ela se chama Sarney. A rodovia foi inaugurada no governo do atual ministro do Interior, João Alves Filho.

O veto do prefeito ao projeto, apesar de ser de oposição ao governo Sarney, foi para atender recomendações de políticos ligados ao PFL. Ele foi divulgado na imprensa, no início do mês de junho, quando da visita do Presidente a Sergipe. Wellington Paixão achava que vetando este projeto do vereador Edvaldo Nogueira cairia nas graças do Presidente e conseguiria assim recursos para a sua administração.